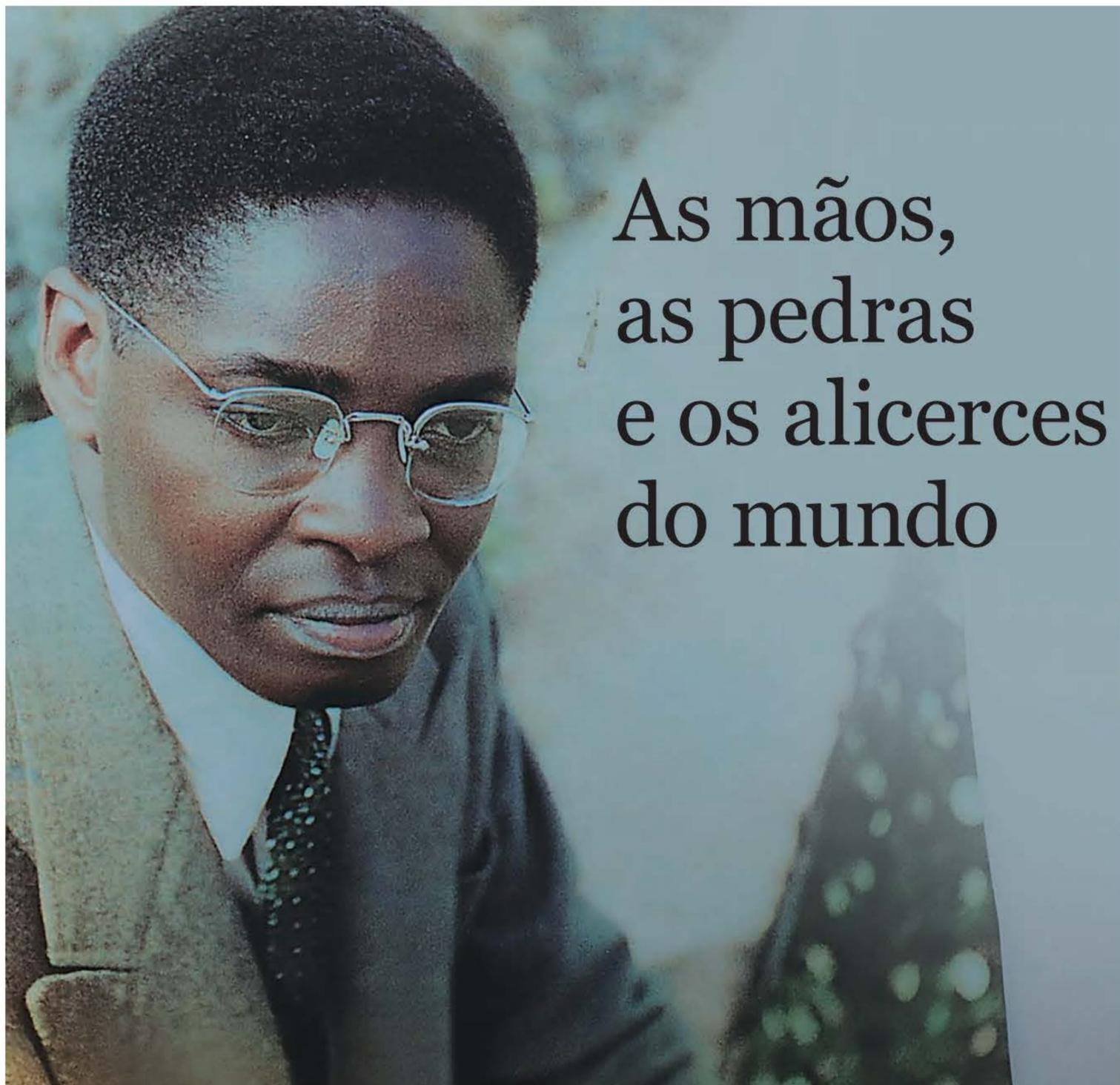


**FRANCISCO TOPA**

Responsável da Cátedra
Agostinho Neto da Faculdade de
Letras da Universidade do Porto



As mãos, as pedras e os alicerces do mundo

Trata-se de
Isaías, 48: 13,
que, numa Bíblia
católica comum, se
apresenta assim:
“Foi a minha mão
que fundou a terra/
e a minha direita
estendeu os céus”. A
versão da Vulgata é
basica

Todos os que conhecem e apreciam a poesia de Agostinho Neto se detiveram certamente no final do poema “Confiança”, de Sagrada esperança: “As minhas mãos colocaram pedras/ nos alicerces do mundo/ mereço o meu pedaço de pão.” Pessoalmente, sempre entendi esta passagem como “As minhas mãos também colocaram...”, isto é, entendi que o homem negro que fala através do sujeito reivindica a sua parcela de responsabilidade na construção do mundo, exigindo assim a correspondente recompensa. Há dias, porém, deparei-me com uma passagem bíblica que abre para uma leitura muito diferente dos versos de Neto e que, tanto julgo saber, nunca foi convocada.

Trata-se de Isaías, 48: 13,

que, numa Bíblia católica comum, se apresenta assim: “Foi a minha mão que fundou a terra/ e a minha direita estendeu os céus”. A versão da Vulgata é basicamente idêntica: “Manus quoque mea fundavit terram,/ Et dextera mea mensa est caelos”. Já a Bíblia metodista disponível em linha apresenta uma variante mais próxima dos poemas de Agostinho Neto: “Minha mão lançou os alicerces da terra,/ minha mão direita estendeu os céus lá no alto.”. Esta parte do Livro de Isaías, designada pelos especialistas como Segundo Isaías, refere-se ao último período do exílio babilónico. Nela o povo hebreu é exortado a não desanimar, ao mesmo tempo que Deus se apresenta como criador do céu e da terra (precisamente no versículo que está em causa), senhor da vida e da

história, e único Deus.

A esta luz, os versos finais de “Confiança” ganham uma nova interpretação: o sujeito que representa todos os negros (“reunindo em mim o espaço/ condensando o tempo”) apresenta-se como o Deus que criou o mundo. E, ao contrário do Cristo que proclamou que “nem só de pão vive o homem” (Mt 4: 4), exige o seu pedaço de pão, num tom que evoluiu da “confiança” do título para a “certeza” do verso final da penúltima estrofe.

Este breve apontamento, para além de render homenagem a Agostinho Neto, visa ilustrar um problema hermenêutico que rodeia a sua obra: há muitas ideias que se foram cristalizando sem serem completamente demonstradas. A marca da Bíblia na poesia de Neto é uma delas.

A esta luz, os versos finais de “Confiança” ganham uma nova interpretação: o sujeito que representa todos os negros (“reunindo em mim o espaço/ condensando o tempo”) apresenta-se como o Deus que criou o mundo.